

## *Sobre a passagem do registro da cordialidade para o da hostilidade: o caso Paul Celan - Claire Goll*

Márcio Seligmann-Silva

Universidade Estadual de Campinas, Campinas - Brasil

### **Resumo**

O texto apresenta o conflito entre o poeta Paul Celan e Claire Goll, esposa do importante poeta Yvan Goll, que morreu em fevereiro de 1950. Este conheceu Celan poucos meses antes de sua morte e ficou um grande amigo dele. Celan realizou algumas traduções para o alemão de poemas em francês de Goll. Este caso descreve um trajeto que vai do círculo privado da cordialidade – utilizando este termo na acepção de Sérgio Buarque de Holanda, que reclama uma literalidade etimológica para a palavra “cordial” – e estende-se para o campo público da hostilidade. Claire Goll perseguiu Celan de modo implacável, primeiro negando a capacidade deste como tradutor e, em seguida e de modo contraditório, acusando-o de ter plagiado seu marido. A tradução se transforma neste caso numa peça de acusação, de angústia da influência e de anti-semitismo (da parte de uma judia). O texto inclui ainda em seu final uma reflexão sobre o conceito de cordialidade em Holanda.

**Palavras-chave:** Paul Celan – Yvan Goll – Claire Goll – tradução – plágio

## Abstract

This essay introduces the conflict between the poet Paul Celan and Claire Goll, wife of the prominent poet Yvan Goll who died in February 1950. Yvan Goll made acquaintance with Celan few months before his death and shared with him a very strong friendship. Celan accomplished into German a translation of some of Goll's poems. The case in question is the description of a process that begins in the private circle of "cordialidade" – as theorized by Sérgio Buarque de Holanda who calls for the etymological use of the word "cordial" – and evolves into public hostility. Claire Goll is responsible for the relentless persecution of Paul Celan. Initially, she disavows his efficiency as a translator and subsequently she accuses him of plagiarizing her husband's oeuvre. The translation thereby turned into an instrument of accusation, displaying the exposure both of anxiety of influence and anti-Semitism (originating from a Jewish-born woman). The text comprises finally a reflection on Holanda's concept of "cordialidade".

**Key words:** Paul Celan – Yvan Goll – Claire Goll – translation – plagiarism

A história do "caso Goll", que quero apresentar para vocês, inicia-se com os tons amenos da amizade e da admiração entre um poeta jovem e talentoso e um potencial mentor, bem mais velho e experiente. De um lado, temos Paul Celan, com quase 29 anos de idade, em 1949, chegando há menos de um ano em Paris – após 6 meses de estadia em Viena –, fugindo da "anexação" russa da Romênia. Do outro, Yvan Goll, então com 58 anos, um poeta bilíngüe, que publicara em alemão e em francês, pertencera aos círculos dos expressionistas e dos surrealistas, assim como conhecera bem Joyce e outros intelectuais de peso do entre-guerras. Quando Celan encontra Goll, no início de novembro de 49, ele já estava sofrendo de leucemia, doença que o matou 4 meses após este encontro. Este curto período foi o suficiente para se construir uma intensa amizade entre Celan e o casal Goll. Yvan, assim como Claire, sua esposa, também eram judeus. Seus nomes de nascimento eram Isaac Lang (\*29.03.1891 Saint-Dié – 27.2.1950, Paris) e Clarisse Liliane Aischmann (\*29.10.1891 Nürnberg – 30.05.1977, Paris). Claire perdera a mãe em Auschwitz, assim como Celan perdera seus pais em campos de concentração nazistas. Esta amizade foi alimentada por projetos e, em parte, pela concretização de traduções para o alemão da obra francesa de Goll por Celan. Yvan recebeu de modo entusiástico as primeiras traduções. O caso

Goll envolve, portanto, como logo se vê, a tradução, sua relação com a criação poética, a situação histórica dos judeus de cultura germânica na Europa do século XX. Trata-se de um caso que, a partir de um determinado momento, extrapola as questões pessoais e, eventualmente, mesquinhas. Ele descreve um trajeto que vai do círculo privado da cordialidade – utilizando este termo na acepção de Sérgio Buarque de Holanda, que reclama uma literalidade etimológica para a palavra “cordial” (HOLANDA, 204) – e estende-se para o campo público da hostilidade.

Entre a morte de Yvan, em fevereiro de 1950, e a ruptura de sua viúva com Celan passaram-se dois anos. A primeira etapa da querela entre Claire Goll e Celan é marcada pela acusação de incapacidade da parte deste último em traduzir as obras de Yvan. A partir de 53 ela inicia a acusar Celan de ter plagiado seu marido. Celan seria perseguido por esta acusação até seu suicídio, em 20 de abril de 1970. Como Barbara Wiedemann escreve no seu erudito e bem aparelhado volume sobre este caso, “a vida de Celan foi marcada profundamente pelo affaire Goll, sua obra não pode ser realmente compreendida sem se levar em conta o ocorrido.” (WIEDEMANN, 8) A verdade desta frase pode ser esclarecida se levarmos em conta que a poesia era algo absolutamente vital para Celan. Além disso, ele considerava a tradução como uma parte essencial de sua tarefa poética. Celan, durante os momentos mais duros desta querela com Claire Goll, publicou mais traduções que poemas de sua lavra. Mas estas traduções, como Wiedemann também notou, são o modo dele expressar poeticamente sua situação presente. Não por acaso seu volume *Die Niemansrose*, composto entre 59 e 63, foi dedicado a Ossip Maldelstam, o poeta russo que constituiu, sempre, o grande modelo para Celan e que também havia sido acusado de plágio. Este confronto mobilizou boa parte da intelectualidade de língua alemã. Amigos de Celan, como Nelly Sachs, Hans Magnus Enzensberger, Peter Szondi e Ingeborg Bachmann acabaram se envolvendo na questão. Do lado de Claire Goll “estranhamente” intelectuais alemães com um passado nazista vão apoiá-la na sua campanha de difamação (Rainer Kabel, doutorando de Friedrich Wilhelm Wodtke que durante o nazismo defendera uma cultura alemã de “sangue puro”, Curt Hohoff e Hans Egon Holthusen). O fato de ela ser judia não a impediu de se aliar a estas pessoas. Ela se encarregou da publicação da obra de seu marido, cuidando para eliminar o máximo possível toda referência à sua judeidade. Trata-se de um caso clássico de

auto-ódio judaico.

Celan, que admirava a poesia de Goll (ele escreveu que este era *Ein wirklicher Dichter*, “um verdadeiro poeta”, WIEDEMANN, 18) com o tempo passou a tentar evitar por completo tudo o que tivesse a ver com o casal Goll. Ele também não consegue escrever diretamente aos jornais quando Claire inicia sua campanha na grande imprensa de língua alemã. Ele tenta mobilizar seus amigos, mas acaba por se isolar deles também. Nas inúmeras cartas e anotações dele sobre o caso vemos um poeta, que deve ser considerado como aquele que levou mais longe a arte da escritura como *testemunho* de vida e da história, aos poucos se ver obrigado a se transformar em um pequeno detetive, em busca de datas e provas para mostrar sua inocência. Ele passa gradativamente de uma concepção de testemunho como tarefa impossível e necessária, marcada pela busca de um encontro com o leitor, com um outro “tu”, com seu presente, para uma visão do testemunho pobremente jurídica, que reduz esta prática ao acúmulo de provas para apresentar como meio de convencer os demais sobre uma verdade.

Esta última modalidade de testemunho, como Benjamin notou, é infecunda: “Überzeugen ist unfruchtbar”, ele escreveu. (BENJAMIN 1972, 87) Ou seja, “convencer é infecundo”, sendo que *Über-zeugen* também pode ser lido de modo analítico, enquanto uma palavra-valise significando super-gerar, super-criar, super-procriar, super-fecundar. Nessa frase de Benjamin entrecruza-se, como Sigrid Weigel já teve a oportunidade de destacar (WEIGEL 2000), a sua filosofia da linguagem e da história, na qual ele critica uma visão instrumental da linguagem tal como ela é característica da modernidade, com, por outro lado, uma reflexão sobre a criação intelectual que, no caso, é sexualizada. De resto, e é isto que nos interessa aqui, *überzeugen* ainda carrega uma forte conotação jurídica, se levarmos em conta que, originalmente, este termo ainda tinha o sentido de “convencer alguém no tribunal por meio de testemunhos”. Sendo que, a partir do século XVIII, *überzeugen* passou a significar “levar alguém a reconhecer com base em evidências que algo é verdade, correto, necessário”.<sup>1</sup> “Überzeugen ist unfruchtbar” indica, portanto, não apenas que a linguagem (masculina) do convencimento e do testemunho é vazia, vã, como também que a linguagem da criação/fecundação (da super- ou sobre-criação) o é. Na verdade este espaço assombrado, aberto pela poética do convencer, onde criação e “verdade dos fatos” embatem-se, é o próprio terreno onde o testemunho se dá. Benjamin

está apresentando isto de um modo ao mesmo tempo crítico e irônico, sendo que, neste gesto, ele está violando performaticamente seu mote, uma vez que ele não apenas está escrevendo (e escrevendo um livro), mas também tentando convencer seu público que “überzeugen ist unfruchtbar”. Sua escrita aporética revela o vazio da linguagem do conhecimento. No testemunho, a citação (em termos literários e jurídicos: somos citados diante de um tribunal) desdobra a sua lógica de descontextualização, de descolamento entre palavras e real: de disseminação. Benjamin, no mesmo *Rua de mão única*, formulou que “Citações no meu trabalho são como ladrões no caminho que irrompem armados para tomar a convicção [Überzeugung] do preguiçoso.” (BENJAMIN 1972, 138) Em um fragmento do work in progress de Benjamin sobre as passagens de Paris lemos também: “Escrever a história quer dizer, portanto, citar a história. No conceito do citar está implícito, no entanto, que o objeto histórico é retirado do seu contexto”. (BENJAMIN 1982, 595) A testemunha citada no tribunal também cita a história, mas neste momento mesmo ela a destrói e a recria, dando início a um processo potencialmente sem fim de escritura e disseminação. Poderíamos dizer que todo testemunho, enquanto “zeugen” (testemunhar e procriar), tende a se transformar em um “überzeugen” (convencer e super-gerar) infrutífero. Por outro lado, o testemunho como *superstes* enfatiza os limites da linguagem e desta visualidade (impossível) visada pelo testemunho como *testis*. Não existe obra testemunhal puramente *testis* ou *superstes*, sempre ocorre um conflito entre estas duas modalidades de testemunho, mas em autores como Paul Celan, Jean Améry, Robert Antelme, Ruth Klüger ou Primo Levi podemos dizer que existe uma domínio do segundo tipo de testemunho. (SELIGMANN-SILVA 2003).

Mas voltemos ao “caso Goll”. A ruptura entre Paul Celan e Claire Goll inicia-se com uma carta do editor Franz Vetter, que deveria publicar as traduções que Paul Celan lhe enviara, via Claire Goll, recusando-se a publicar o material, alegando que ele “queria publicar Yvan Goll e não uma tradução poética [*Nachdichtung*] de Paul Celan. Não quero diminuir em nada o seu talento poético, – ele continua – mas eu desejo uma versão literalmente fiel [*wortgetreue Übertragung*] destes excelentes cantos.” (25.12.1951; WIEDEMANN, 178) Ao invés da tradução de Paul Celan o editor vai publicar traduções da própria Claire Goll. O elemento particularmente assustador neste primeiro confronto, é que Claire Goll vai se utilizar de muitas das soluções tradutórias de Celan. Mas o escândalo não para

por aí. Celan fica totalmente abalado com esta primeira estocada e ameaça o editor juridicamente, afirmando que ele não apenas não poderia publicar a sua tradução sem mencionar seu nome, assim como não poderia publicar qualquer outra tradução. Evidentemente ele não tinha nenhuma base jurídica para impedir esta publicação. Ele, neste momento, já fora empurrado para o campo minado das acusações e defesas em uma área nada fácil, que é a dos direitos autorais. Mais do que isso, naquele momento Claire Goll iniciava, também, um processo de edição das obras de Yvan utilizando as suas traduções para o alemão que, como vimos, aproximavam muito a obra do marido da obra de Celan. Evidentemente o objetivo dela era tanto mostrar que Paul Celan “plagiara” Yvan Goll, como também elevar o nome e a poesia do falecido marido. Não podemos esquecer que Paul Celan já era tratado, então, desde os 1950, como o principal representante da poesia alemã do pós-guerra. Na sua carta aberta dirigida a editores e poetas de 1953, ela cita uma série de “semelhanças” entre a obra de Yvan Goll e de Paul Celan. Para tanto ela manipula os textos dos dois, além – evidentemente – de sempre colocar datas anteriores nos versos do marido. Posteriormente, a crítica demonstrou que todas estas provas estavam falsificadas. Mesmo assim Claire não deixou de encontrar adeptos na grande imprensa que tornaram a repetir suas acusações.

Ela partira de uma afirmação de um germanista instalado nos EUA (Richard Exner) que dissera a ela que ele achara o volume de poemas de Paul Celan *Mohn und Gedächtnis* “völlig Von Goll’s *Traumkraut* inspiriert”, “totalmente inspirado no *Traumkraut* de Goll” (1951). Na carta anônima ela escreve que Paul Celan *imitiert* Goll, além de falar em *empréstimos*, “Anleihe”. Ela põe na boca do ex-colega de escola de Celan, Alfred Gong, a mesma acusação, dizendo que Paul Celan teria feito “Entlehnungen” (novamente, empréstimos) de poetas romenos. Gong, posteriormente, disse que apenas falara a Claire Goll que existia uma influência na obra de Paul Celan de autores como Hölderlin, Trakl, J. Paul e também do grande poeta romeno Tudor Arghezi, de quem, de resto, Paul Celan traduziu poemas também. (WIEDEMANN, 197) A lógica da acusação de plágio desencadeada por Claire Goll passou a disparar em todas as direções: levando-se em conta que toda grande poesia sempre ecoa os poetas anteriores, o campo para colheita de “plágios” era vasto em um poeta tão dialógico com a tradição como Paul Celan. Sua própria atividade de poeta tradutor já aponta para esta característica dialógica da sua poesia. Mas é interessante também que esta atividade

de Paul Celan raramente foi levada a sério – e neste sentido também podemos deduzir ensinamentos poetológicos e culturais deste triste caso.

Celan sempre foi acusado de “celanizar” seus poetas – como no Brasil também fez-se muito este tipo de acusação banal às traduções de Haroldo de Campos. Se é verdade que a poesia é trabalho com a língua e com a tradição, a partir de um determinado *presente*, não é menos correto se dizer que também a tradução é uma atividade semelhante, só que marcada por uma dependência programática com o “texto de partida”. O poeta Paul Celan não deixa de o ser ao traduzir, do mesmo modo que toda tradução é (re-)criação em um novo contexto lingüístico-cultural que necessariamente lança mão de novos recursos poéticos. Mas este fato é desconcertante tanto para uma visão tradicional da poesia, que pensa a autoria como autoridade inabalável, como também o é para um pensamento jurídico encampado pela acusação de plágio. Evidentemente Claire Goll, com esta acusação, queria mais do que simplesmente provar as “cópias” e “empréstimos” que Paul Celan teria praticado, ela queria difamá-lo, destruir sua carreira: no mesmo momento em que estaria construindo uma casa forte para a obra do falecido marido. Podemos dizer que ela trilhou o caminho que desdobra a dialética interna à *hospitalitas* levando à metamorfose do hóspede em alguém *hostilis*, percurso este que Benveniste demonstrou ao tratar da relação histórica destes termos. (BENVENISTE, I 87) O gesto de Yvan Goll de indicar Paul Celan como seu tradutor foi um gesto de acolhida, de generosidade e hospitalidade poética. Claire Goll transformou este gesto em seu oposto, chegando às raias do desejo de eliminar o antigo “hóspede”, transformando-o em *hostia*: “vítima que serve para compensar a cólera”, como recorda Benveniste. No auge da polêmica, em uma carta à revista *Baubudenpoet*, de 1960, ela sugere que a morte dos pais de Paul Celan em um campo de concentração era apenas uma “lenda”. Nada poderia ser mais agressivo: com este tipo de negacionismo Claire Goll como que matava novamente (no nível simbólico) os pais de Paul Celan. Aliás, seus comparsas na imprensa, que tendiam a, sempre, destacar um elemento que seria “surrealista” e “alegórico” difuso na poesia de Celan, com isso tornando-a alheia a toda realidade, também destruíam propositadamente a poética testemunhal e confessional de Celan, atingindo sua poesia na sua própria nervura.

O “fundamentalismo literário” de Claire Goll (ou seja, sua recusa de ver o fato literário como o resultado de um processo infinito de re-escrituras) radicaliza

o *ágon* tradicional entre os literatos, artistas e intelectuais. Sua política de ataque e destruição do “próximo” (de um poeta que seu marido considerara congenial e convidara para traduzir sua obra) desvenda um aspecto que, na verdade, encontra-se onipresente na história da literatura (e, podemos acrescentar, da intelectualidade) moderna. Sobretudo após a chamada revolução romântica, vivemos uma espécie de esquizofrenia no que concerne a nossa consciência autoral: por um lado, existe uma tendência para a dissolução da imagem do autor e valorização do elemento tradutório, plagiotrópico (para falar com Haroldo de Campos), intertextual, do outro, valorizamos o momento agônico, “genial”, único, da criação do poeta e do artista. O caso Goll explicita esta questão, entre tantas outras. A relação literária em seu momento agônico apaga a cordialidade, passando para o registro público da *hostilitas*, diluindo, também, a visão romântica da comunidade de escritores, ou, na sua versão nacionalista, do povo, como o grande autor da literatura pátria. Celan, apesar de ter realizado, ainda, um grande número de obras poético-tradutórias em meio a esta querela, foi uma vítima fatal deste jogo que se somou a seu passado de sobrevivente do Holocausto. O saldo amargo desta história foi uma falência tanto do testemunho auricular, delicado e comedido, como também do testemunho que quer convencer e comprovar. Mas a obra de Paul Celan persiste, como um Meridiano, para usar uma imagem cara a ele, que ainda pode cruzar muitas longitudes e latitudes do tempo. É só uma questão de sabermos ouvir.

\*\*\*

A questão da “cordialidade”, que está no centro do encontro em Porto Alegre, que deu origem a este texto, só pode ser compreendida – dentro da tradição que tenta pensar o fenômeno Brasil a partir deste mote – como uma noção nascida do espanto diante do fato de que também neste país existe algo como um código de comportamento. Ou seja: no Brasil, apesar de sua violência sempre reiterada nas relações entre as classes e inter-pessoais, pode-se constatar um “código do coração”. Este seria, ao menos um ponto de vista “crítico”, para se pensar esta sociedade a partir desta noção. Sérgio B. de Holanda, que toma a expressão de Ribeiro Couto, recusa a noção (que pode ser ufanista) de uma “bondade” vinculada a este conceito, como parece ser o caso de seu uso da parte de Cassiano Ricardo (ainda que este fale também da cordialidade como uma “técnica

da bondade”, apud HOLANDA, 205). A cordialidade, eu tenderia a compreender hoje em dia, é o código de relacionamento que corresponderia à concomitância da exploração mais radical, ao lado da aparente normalidade social. Do ponto de vista de uma sociologia racista (típica do início do século XX), este traço seria fruto da “hibridez racial” do país: como se um “país mulato” (e rural) fosse cordial (não podendo, ou conseguindo, ser simplesmente urbano, ou “civilizado”, como as nações centrais). Do ponto de vista da teoria do “patriarcalismo pátrio” (uma redundância nos termos, vê-se logo) a cordialidade seria uma categoria descritiva para esta situação periférica. O risco desta noção é o de regredir (talvez involuntariamente) à ontotipologia racista que ela quer exorcizar nesta versão sociológica, que pretende reduzir tudo ao “caráter nacional”. (cf. LACQUE-LABARTHE e NANCY) Polêmicas à parte, preferi neste texto não entrar neste debate conceitual brasileiro sobre o tema da “nossa cordialidade”, já que esta expressão me parece vazia, uma vez que se limita a hipostasiar pretensas essências, ao invés de explicar. Este conceito, creio, deve ser desmontado a partir de uma visão histórica que aponte para as estruturas das *sociedades latino-americanas*, para se fugir do discurso étnico, racista ou da “caracteriologia nacional”. O próprio Sérgio B. de Holanda o sugere ao pôr, neste contexto, o Brasil ao lado da Argentina. (HOLANDA, 149)

Além disso, valeria a pena retrazar o percurso hegeliano (e também romântico) de Sérgio Buarque de Holanda, que também está na raiz deste conceito, lembrando que Hegel – eurocentricamente, como não podia deixar de ser – via as leis nas sociedades periféricas como aparições raquíticas, submetidas a outras instâncias sociais, sobretudo ao patriarcalismo. Holanda, mesmo se distanciando da tese que afirma a continuidade entre a família e o Estado (tese defendida por Hegel, por exemplo, nos seus *Texte zur Philosophischen Propädeutik*, de 1808), incorpora muitas idéias de Hegel, seja por via direta<sup>2</sup>, seja através de M. Weber e de C. Schmitt. Hegel, na sua *Fenomenologia do Espírito*, também narra o confronto “violento” entre a “lei do coração” e a “ordem do mundo”. (HEGEL III, 275s.) É evidente que existem diferenças entre a teoria da cordialidade de Holanda e a “epopéia do espírito” descrita por Hegel, mas vale a pena conferir as proximidades entre elas também. Além disso, não podemos esquecer que Hegel, nas suas preleções sobre filosofia da história, já defendera a tese de que no Brasil haveria uma maior facilidade para os negros se tornarem livres, já que os

portugueses foram mais “humanos” que os holandeses, espanhóis e ingleses.

Aqui simplesmente utilizei a noção de “cordialidade” como um sinônimo de um código de relações respeitadas que deveria pautar nossas relações profissionais. Neste ponto, “forcei” a interpretação de Sérgio B. de Holanda, no sentido de ver nela um sinônimo de “boas relações”. Mas este uso também é, de certo modo, autorizado por seu texto. Holanda, apesar de afirmar que a cordialidade, como o “traço definido do caráter brasileiro”, implica, antes de mais nada, a incapacidade de se separar o privado do público, ou seja, a tendência a tratar tudo como uma questão familiar, sem implicar, necessariamente, juízos éticos ou a questão da cortesia, acaba por dar exemplos desta cordialidade destacando a simpatia, a hospitalidade e a generosidade pátrias, dentro da tradição dos viajantes que ele bem conhecia. Em suma, Holanda no final das contas, retorna a questão do “homem bom” que criticou em Cassiano Ricardo. Quando ele cita o relato da viagem ao Brasil, de Thomas Ewbank, com seu rousseuismo explícito (“É que o clima não favorece a severidade das seitas nórdicas. O austero metodismo ou o puritanismo jamais florescerão nos trópicos”, HOLANDA, 151) recordamos das inúmeras “tipologias” nascidas no século XIX, na sua busca de traçar um campo para a “outridade”, como na frase sarcástica de Goethe: “Ninguém passeia impunemente sob palmeiras, e certamente as visões de mundo modificam-se, num país onde elefantes e tigres sentem-se em casa.”

Enfim, utilizo o conceito de cordialidade para pensar também o fato de que o caso em questão nasceu dentro da esfera íntima (e, portanto, da cordialidade, nos termos de Holanda) e passou para o espaço público e para o registro da hostilidade. Deste ponto de vista, a quebra neste pacto de cordialidade social pode levar a fenômenos como esta querela entre Claire Goll e Paul Celan. Na verdade esta quebra, neste caso específico, desdobrou uma fratura muito maior, ocorrida no século XX, a partir da Alemanha, que levou não só à perseguição, mas também ao desejo de extermínio do “outro”, representado então, antes de mais nada, pelos judeus europeus. Não podemos considerar nenhum acaso se Sérgio Buarque de Holanda lançou mão justamente de Carl Schmitt para explicar a diferença entre a esfera do inimigo privado (que está dentro do campo da cordialidade) e a do inimigo enquanto *hostis*, que tem a ver com a sociedade. (HOLANDA, 205) Para Schmitt a política define-se pela relação com o inimigo que é o “outro”, o “estrangeiro”, o “bárbaro”. (SCHMITT, 63s.) O corolário deste modelo do

político é justamente a política do extermínio do outro.

## Notas

<sup>1</sup> *Duden. Etymologie*, Mannheim: Duden Verlag, 1989, p. 829.

<sup>2</sup> Cf. a passagem sobre a *Antígona*, de Sófocles, que abre o seu capítulo sobre o homem cordial, que, mesmo não citando Hegel, é um eco de sua análise desta tragédia na sua *Estética*; HEGEL XIV, 60.

## Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Schriften*, org. por R. Tiedemann und H. Schweppenhäuser, Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1972 ss.

BENVENISTE, E, *O Vocábulo das Instituições Indo-européias. Volume I: Economia, Parentesco, Sociedade e Volume II: Poder, Direito, religião Trad.* D. Bottmann, Campinas: UNICAMP, 1995.

CAMPOS, Haroldo de, *Deus e o Diabo no Fausto de Goethe*. S. Paulo: Perspectiva, 1981.

CELAN, Paul, *Gesammelte Werke in fünf Bänden*, org. por Beda Alleman e Stefan Reichert, Frankfurt a.M., 1983.

*“Fremde Nähe”*: *Celan als Übersetzer, eine Ausstellung*, Marbach am Neckar: Deutsche Schillergesellschaft, 1997.

GOETHE, J. W., *As afinidades eletivas*, trad. E.J. Paschoal, prefácio e notas K. H. Rosenfield, São Paulo: Nova Alexandria, 1998.

HEGEL, G.W.F., *Werke*, Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1993.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LACOUÉ-LABARTHE, Philippe e Nancy, Jean-Luc, *O mito nazista*, tradução M. Seligmann-Silva, São Paulo: Iluminuras, 2002.

SCHMITT, Carl, *La notion de politique. Théorie du partisan*, trad. M.-L. Steinhauser, Paris: Flammarion, 1992.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.), *História, memória, literatura : o testemunho na era das catástrofes*, Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

WEIGEL, Sigrid, “Zeugnis und Zeugenschaft, Klage und Anklage”, in: *Zeugnis und Zeugenschaft: Jahrbuch des Einstein Forums 1999*, Berlin: Akademie-Verlag, 2000.

WIEDEMANN, Barbara *Paul Celan – Die Goll-Affäre*, Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 2000.